



ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM: CUIDADO COMO CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA DO SER-AÍ

Gisleule Maria Menezes Souto*

RESUMO:

O presente artigo visa a dissertar sobre o cuidado do ser-aí a partir das investigações heideggerianas sobre a existência do ser-no-mundo e o poema *Especulações em torno da palavra Homem* de Carlos Drummond de Andrade. O cuidado é que torna significativas a vida e a existência humana. Estar no mundo, frequentá-lo é ser cuidadoso. Para tanto buscar-se-á descrever o que é o homem a partir de uma pesquisa bibliográfica em que os dados necessários serão extraídos do poema supramencionado, da hermenêutica heideggeriana, de artigos científicos, revistas especializadas, entre outras fontes.

Palavras-chave: Existência. Dasein. Facticidade. Hermenêutica Filosófica. Homem.

ESPECULATIONS AROUND THE WORD MAN: CARE AS CONDITION TO EXISTENCE OF DASEIN

ABSTRACT:

This article aims to discuss the care of Dasein therefrom Heideggerian investigations on the existence of the being-in-the-world and the poem *Speculations around the word Man* by Carlos Drummond de Andrade. Care is what makes human life and existence meaningful. Being in the world, attending it is being careful. Therefore, we will try to describe what man is based on bibliographic research the necessary data will be extracted from the aforementioned poem, of the Heidegger's hermeneutics, from scientific articles, specialized review, among other sources.

Key-words: Existence. Dasein. Facticity. Philosophical hermeneutics. Man.

1- INTRODUÇÃO

A filosofia e a poesia têm como características descrever o estar do homem no mundo, e, neste contexto, descrever o estar do homem no mundo em versos e prosas, bem como em “tratados” filosóficos, é tentar compreender as nuances, as inquietações e as especulações sobre o homem como se fosse um texto a ser desvelado. Visando a este desvelamento, buscamos aporte na filosofia de Heidegger no tocante às questões do cuidado do ser-aí, uma vez que o filósofo alemão descreve a vida em sua complexidade e totalidade, compreendendo os fenômenos nas relações de significado que estabelece em seu campo de “especulações” e articula tal perspectiva com a correlação fenomenológica entre ser e mundo, para descrever a



dimensão ontológica da existência, e no poema de Drummond *Especulações em torno da palavra Homem*, especulação que se faz habitando as palavras.

A filosofia, quando interroga, fá-lo sobre a existência; ou seja, sobre todas as coisas que estão no mundo e sobre o próprio homem. O mundo não é um limite, é um horizonte. O que se interroga é o objeto de escolha do interrogante. A interrogação, neste contexto, deve dirigir-se ao cuidado do ser-aí, à existência e às especulações em torno da palavra homem.

No tocante à poesia, esta, ao descrever as essências que constituem o cuidado e as nuances que tocam diretamente a existência do ser-no-mundo, realiza uma verdadeira reflexão filosófica.

Ademais, a hermenêutica filosófica compreende tanto a dimensão fática da existência quanto sua imersão numa trama de significações sedimentadas no próprio existir. Heidegger caracteriza a hermenêutica como interpretação da facticidade, a partir da concreção fática do próprio *Dasein*. O *Dasein* não é um ente qualquer, mas o ente para o qual a questão do sentido se apresenta.

Além disso, a própria facticidade é de caráter interpretativo, já que dela faz parte um horizonte permeado pelas significações sedimentadas no mundo. Tal condição simultaneamente aponta para a precedência da hermenêutica e para sua precariedade, já que sendo permeada pelas significações sedimentadas, toda análise é também provisória.

O homem é um ente que sobre o antes e o depois do seu “lançamento” no mundo nada pode afirmar, pois é essencialmente existência.

Existindo no mundo, o homem está sempre se dirigindo para este mundo o que o faz de maneira cuidadosa, uma vez que é pelo cuidado que as relações do ser-aí com o mundo, com outrem e com ele mesmo são estabelecidas.

Tomando múltiplas formas, o cuidar-de indica cuidar do disponível, das ferramentas, dos materiais de nossa vivência; indica uma preocupação pelos outros que pode ser entendida como solicitude; ademais, o cuidado é uma preocupação com a responsabilidade em face da presença em um mundo de incertezas cuja única obviedade é a finitude.

As reflexões de Heidegger sobre o cuidado, e a existência vão ao encontro das questões drummondianas elencadas no poema uma vez, que ao perguntar o que é o homem, pergunta-se pela sua existência, pelo cuidado e por que a morte é a possibilidade mais do que presente neste estar do homem no mundo.



Para melhor compreensão das relações tecidas entre a filosofia de Heidegger e o poema de Drummond, o texto é desenvolvido a partir da questão da relação entre cuidado e existência com a qual versaremos sobre o estar do homem no mundo e a questão do cuidado, intercalando fragmentos do poema que interrogam o que, é o homem com as análises heideggerianas sobre a existência; no segundo momento, a relação do ser-aí com a questão da finitude e a inquietação drummondiana sobre o valor do homem, e, finalmente, no terceiro, discorreremos sobre a facticidade do existir, existência esta ligada à temporalidade e às especulações de Drummond sobre o porquê e a forma como o homem vive.

2- O DILIGENTE ANTECIPAR-SE DA COMPREENSÃO: Existência e Cuidado

Existência¹ ou existencialidade designa imediatamente que o ser humano vive realizando um conjunto limitado de possibilidades.

A essência da existência, portanto, é dada pela possibilidade, que não é possibilidade lógica vazia nem simples contingência empírica. O ser do homem é sempre a possibilidade a atuar e, conseqüentemente, o homem pode se escolher, isto é pode se conquistar ou se perder. (REALE; ANTISSERI, 1991, p. 583).

Tais limitações são impostas pela própria contingência ou condição humana, ou pelo espaço mundano em que é lançado.

O homem não escolhe a família onde nasce, não escolhe a cultura à qual pertence, nem escolhe as várias situações nas quais foi posto, ou onde foi lançado. Nesses limites criados pela circunstancialidade, porém, o homem tem a possibilidade, a capacidade e a aptidão para escolher. (MARTINS; BICUDO, 2006, p.53).

Lançado num mundo factual de objetos e de coisas, de pessoas, de relações, o homem é um ser que sobre o antes e o depois da vida nada pode afirmar; apesar de não ser responsável pelo seu lançamento, é colocado face a face com a terrível responsabilidade de ser ou não ser.

Segundo Heidegger, nós, enquanto existentes, estamos sempre lançados no mundo – mundo este que se mostra, de imediato, nessas relações que estabelecemos com os

¹ A existência é um modo de ser em situação, na qual, por situação, entende-se precisamente o conjunto das relações analisáveis que vinculam o homem às coisas do mundo e aos outros homens. (ABBAGNANO, 1982).
"Chamamos existência ao próprio ser com o qual o ser-aí pode se comportar dessa ou daquela maneira e com o qual ela sempre se comporta de alguma maneira. Como determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo, já que sua essência reside, ao contrário, no fato de dever sempre possuir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo ser-aí para designá-lo enquanto pura expressão de ser". (HEIDEGGER, 1989, p. 48)



outros, com as coisas e com o nosso próprio ser (ou seja, estamos sempre nos relacionando com as nossas possibilidades de ser). (SOUZA, 2006).

Inicialmente, segundo Grondin (1999), nossos esboços não são de nossa escolha, somos antes “jogados” neles. O ser lançado e a historicidade do ser-aí² são características indeléveis de nossa facticidade.

Mas, como compreender o que é o homem, uma vez que várias são as especulações tecidas em torno da palavra “homem” e, “a compreensão humana se orienta a partir de uma pré-compreensão que emerge da eventual situação existencial e que demarca o enquadramento temático e o limite de validade de cada tentativa de interpretação.” (GRONDIN, 1999, p.159).

Quando Drummond propõe em seu poema *Especulações em torno da palavra Homem*³ o significado de sua existência, estamos diante de uma pré-estrutura significativa. “Especulações que se fazem habitando palavras, transformando-as em questões. ‘Especulações em torno da palavra homem⁴ é a poesia que se faz pergunta sobre o próprio homem’.” (MARTINI, 2007, p.195)

Mas que coisa é o homem,
que há sob o nome:
uma geografia?
Um ser metafísico?
Uma fábula sem
signo que a desmonte? (ANDRADE, 1983, p.335).

Mas que coisa é o homem? Um ser, uma fábula, um sujeito ou somente uma coisa entre outras⁵, pois a compreensão “concebida como existencial” é confundida pelas multiplicidades caracterizadas pela interpretação que é peculiar a cada sujeito e que se encontra antes de qualquer locução ou enunciado, pois o homem está voltado para uma observação atenta sobre a sua existência e, portanto, não é indiferente às inquietações sobre quem é.

² O termo ‘ser-aí’ designa em um primeiro momento simplesmente o ser do homem. O ser-aí humano é um ente que não possui nenhuma determinação quiditativa. Ele não possui em si mesmo uma razão, um corpo, uma alma ou um conjunto de faculdades. “Ao contrário, tudo aquilo que ele é só se determina a partir do estabelecimento existencial de um de seus modos possíveis de ser”. (CASSANOVA, 2009, p.89, 90).

³ O poema *Especulações em torno da palavra Homem* é um dos poemas que compõem a obra de Carlos Drummond de Andrade, *A Vida Passada a Limpo*. Fazendo parte pela primeira vez do livro *Poemas* (1959), volume que então reunia praticamente toda a poesia publicada de Drummond.

⁴ “Especulações que adentram o pensar, enquanto poetizar, e encontram trinta e seis maneiras de fazer perguntas com três versos cada uma e formas de arranjar nomes e sentidos para uma mesma referência: o homem; o que é o homem?” (MARTINI, 2007, p.195).

⁵ Um homem não é calvo como uma lisa bola de bilhar, não está doente como uma couve-flor estragada, não é corcunda como um rugoso salgueiro, porque cuida da sua existência. (LUIJPEN, 1973).



A expectativa dominante em torno das *Especulações sobre a palavra Homem* no dizer drummondiano leva a um questionamento sobre a existência.

Como pode o homem
sentir-se a si mesmo
Quando o mundo some? (ANDRADE, 1983, p.35).

Metaforicamente, a partir do fragmento supramencionado do poema *Especulações sobre a palavra Homem*, podemos explicar este “sumiço” do mundo quando o homem se fecha para si mesmo, à medida que se absorve no mundo e nos outros. Isto nada mais é do que uma interpretação, “cujo caráter fundamental de cuidado ameaça ocultar a tendência niveladora do juízo proporcional.” (GRONDIN, 1999, p.159).

Estando sempre voltado para uma observação e interpretação a respeito do mundo e das coisas que nele estão, o homem encontra-se em um estado de abertura para a experiência, haja vista que a compreensão da afetividade é a aquisição da experiência que pode ser expressa verbalmente, “entender teoricamente de um contexto, significa, pois realmente, estar em condições de enfrentá-lo, levá-lo a cabo, poder começar algo com ele.” (GRONDIN, 1999, p.160).

Entender alguma coisa “significa estar apto para ela, poder arranjar-se com ela”. (GRONDIN, 1999, p.160). Assim, pode-se dizer que todos sabem o que é homem, porque somos animais racionais, políticos, seres de desejo, de paixão, éticos e por que não dizer, de linguagem, mas tais características peculiares ao homem não significam uma compreensão sobre a sua existência e a respeito das várias especulações em torno da palavra “homem”. “Toda a nossa vida é tecida por tais habilidades assim entendemos como tratar com pessoas, como cuidar das coisas, como passar o tempo, etc. sem dispor de um saber especial [...]” (GRONDIN, 1999, p.160).

Heidegger, citado por Grondin (1999), constata que esse entendimento cotidiano permanece subentendido como um modo de ser, ele é atemático para si mesmo, o homem vive tão intensamente o seu cotidiano que ele não precisa ser expresso e este “viver” é assim sintetizado por Drummond;

Como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome?

E não perde o nome
e o sal que ele come
nada lhe acrescenta



nem lhe subtrai
da doação do pai?
Como se faz um homem? (ANDRADE, 1983, p.335).

O homem se faz em um mundo circundado de coisas e acontecimentos com os quais lida em seu “mundo vivido” com objetos para esta ou aquela utilidade; entretanto, o homem deve ter cuidado com as coisas, com outrem e com ele mesmo.

Existindo no mundo, o homem sempre se dirige para o mundo e para as coisas que nele estão e este ir “ao encontro”, possibilita-lhe encontrar-se em um estado de solicitude⁶.

O “cuidado⁷” como instrumentalizante e interpretativo, que é constitutivo para a compreensão humana, designa um modo como o ser-aí trata das coisas em seu mundo. (GRONDIN, 1999).

No seu estar-aí, o homem sempre é ser em um mundo e é justamente por ser ‘lançado’ que pergunta: como se faz um homem?

Apenas deitar,
copular, à espera
de que do abdômen

brote a flor do homem?
Como se fazer
a si mesmo, antes
de fazer o homem?
Fabricar o pai
e o pai de outro pai

e um pai mais remoto
Que o primeiro homem?
Quanto vale um homem? (ANDRADE, 1983, p.335).

Podemos perceber nos fragmentos do poema *Especulações em torno da palavra Homem* que Drummond aproxima-se de Heidegger, citado por Grondin (1999), quando este afirma que o não estar expresso é apresentado pela diferença entre um ‘como’ hermenêutico e o outro expressável.

⁶Solicitude indica o relaciona-se com alguém, com o outro, de maneira envolvente e significante: imbrica as características básicas do ter consideração para com o outro e ter paciência com o outro. Consideração e paciência com os outros não são princípios morais, mas encaram a maneira como se vive com os outros: uma deles é o *Einspringende Fursorge* que, em alemão, quer dizer cuidar do outro pulando em cima dele ou ‘pôr no colo’, “mimá-lo”, fazer tudo pelo outro, dominá-lo, manipulá-lo, ainda que de forma sutil; outra maneira é o *Vorspringende Fursorge* que, em alemão, quer dizer pular em frente ao outro, possibilitar ao outro assumir seus próprios caminhos, crescer, amadurecer, encontrar-se consigo mesmo. Todas as maneiras de indiferença, apatia, competição são maneiras deficientes de solicitude. (HEIDEGGER, 1981).

⁷“O cuidado é a totalidade das estruturas ontológicas do ser-aqui enquanto é um ser-no-mundo: em outros termos ele compreende todas as possibilidades da existência enquanto estão vinculadas às coisas e aos outros homens, e dominado pela situação.” (ABBAGNANO, 1982, p.208).



Poder-se-á afirmar que as inquietações sobre o que é o “homem” evidenciadas nas palavras drummondianas são como expressões dos fenômenos que se exprimem em locuções ou enunciados e atuam um “como” hermenêutico que realiza uma pré-compreensão interpretante elementar das coisas, do meio, em relação ao ser-aí.

Faz-se presente também, nos versos supramencionados do poema *Especulações em torno da palavra Homem*, a questão do cuidado; segundo Heidegger (1989), é o cuidado que abre ao homem o universo de existir, “[...] do ponto de vista existencial, o cuidado acha-se, a priori, antes de toda situação do ser humano, o que sempre significa diz e que ele se acha em toda atitude e situação de fato.” (HEIDEGGER, 1989, p.254).

Ao perguntar quanto vale um homem nesta inquietação drummondiana, o cuidado se faz presente, pois é por meio dele que as vias de encontro se abrem e, segundo Grondin (1999), o modo cuidadoso do compreender tem sua raiz existencial na preocupação do ser-aí consigo mesmo, e “o anzol menos inconsciente da compreensão humana é, por conseguinte, o cuidado”. (GRONDIN, 1999, p.166). A partir do cuidado, constitui-se o específico caráter da compreensão.

Buscando compreender de onde vem o homem, Drummond nos aponta mais questionamentos do que respostas, pois, na ânsia de encontrar a resposta, deparamo-nos com o entendimento e, diante disto, segundo Grondin (1999), entender significa a capacidade de concretizar este ou aquele modo de entender, em vez do outro. Heidegger, citado por Grondin (1999), afirma que é como se lá fora houvesse inicialmente coisas nuas que receberiam da nossa compreensão subjetiva e cautelosa determinada coloração.

Destarte, a pergunta de Drummond “como se faz um homem”, bem como sua interpretação explícita a relação com o mundo no “modus” de pré-compreensão subjetiva.

3-O SER-AÍ E A QUESTÃO DA FINITUDE: Transparência e Interpretação

Os elementos que condicionam o possível surgimento da pergunta “o que é o homem” precisam estar incessantemente em sintonia com o modo de ser do ser-aí.

Menos, mais que o peso?
Hoje mais que ontem?
Vale menos, velho?

Vale menos, morto?



Menos um que outro,
se o valor do homem,

é medida de homem?
Como morre o homem,
Como começa a? (ANDRADE, 1983, p. 335).

A partir da pergunta de “quanto vale o homem”? Drummond “interpreta” o valor do homem e, portanto, a “ [...] interpretação serve em primeira linha à apropriação da própria situação de compreensão e à dos pressupostos que determinam o conhecimento e o comportamento.” (GRONDIN, 1999, p. 165).

Nestes trechos, Drummond revela toda a tensão entre a inquietação do valor do homem existencialmente e a interpretação sobre a especulação da palavra “homem” e, “seu agulhão crítico está na tentativa de evitar, dentro do possível, o equívoco pessoal”. (GRONDIN, 1999, p. 165).

As especulações sobre a palavra “homem” não se esgotam nos versos há pouco citados e muito menos na interpretação drummondiana; portanto, podemos dizer que toda interpretação visa ao “desvendamento de outro indivíduo.” (GRONDIN, 1999, p.65).

Tais ações encontram-se dentro de um círculo contendo a interpretação objetivando compreender a questão da finitude nos fragmentos abaixo, mesmo que “esta circularidade pertença propriamente à ontológica ou imutável estrutura do cuidado [...]” (GRONDIN, 1999, p.65).

Sua morte é fome
que a si mesma come?
Morre a cada passo?

Quando dorme, morre?
Quando morre, morre?
A morte do homem

consemelha a goma
que ele masca, ponche
que ele sorvo, sono

que ele brinca, incerto
de estar perto, longe
Morre, sonha o homem? (ANDRADE, 1983, p. 335).

É sobre essa natureza reflexiva do homem, quando ele se relaciona consigo próprio, com outrem e com o mundo, que a consciência de que o ser é finito aflora; entretanto, essa compreensão do ser-aí em relação à ideia de finitude:

Somente o ser- livre para a morte dá ao ser-aí a finalidade propriamente dita e confronta a existência com a sua finitude. A finitude assumida da existência arranca



de volta da multiplicidade sem fim das possibilidades que se oferecem imediatamente do conforto, da facilitação e da auto-opressão, trazendo o ser-aí para a simplicidade do seu destino [...]. (HEIDEGGER, 1989 p.307).

Insta salientar que tal confronto não acontece de maneira pura, como se o ser-aí desvelasse a morte em cada passo, em cada sono, em cada brincadeira, mesmo que a morte não seja nem sonhada e nem desejada, pois o que caracteriza a existência do homem é a compreensão da realidade vivida, compreensão “escamoteada” pelo ser-no-mundo desde que compreenda que é lançado em um mundo e pensar sobre a morte⁸ como assevera Heidegger citado por Grondin (1999, p. 166), “[...] é ingressar no círculo de maneira adequada.”

Tem medo de morte,
mata-se sem medo?
Ou medo é que o mata

Com punhal de prata,
laço de gravata,
pula sobre a ponte. (ANDRADE, 1983, p. 335).

Interpretar o medo da morte e o que mata, como diz Grondin (1999), é saltar dentro do círculo de maneira adequada e, neste contexto, é perceber que a morte faz parte da existência do ser-no-mundo desde o momento em que é “lançado” no mundo e, neste sentido, percebe que é um “ser para a morte,” portanto, o que se visa não é uma reflexão que simplesmente descarte as pré-compreensões que este tem da morte e sim percorrer um caminho reflexivo, um verdadeiro diálogo entre posições específicas, o viver e o morrer uma vez que “não pode descartar a interpretação pré-estruturada que primeiramente motiva o questionamento interpretador, porém de buscar sua conscientização”. (GRONDIN, 1999, p. 67).

Podemos perceber que, nos fragmentos do poema, especificamente nos versos sobre a morte, Drummond revela seu questionamento filosófico que se aproxima da noção heideggeriana de finitude.

4-A DESCOBERTA DA EXISTÊNCIA E A FACTICIDADE DO EXISTIR: enquanto ser-no-mundo.

⁸ “O ser-para-a-morte é a antecipação do poder-ser do ente, cujo modo de ser é a própria antecipação. No descobrimento antecipador desse poder-ser, o ser-ai descerra para ele mesmo com vistas à sua possibilidade mais extrema. Projetar-se para o seu poder-ser mais próprio, contudo significa: poder compreender a si mesmo no ser do ente, assim desencoberto existir. A antecipação revela-se como possibilidade da compreensão do poder-ser mais próprio externo, ou seja, como possibilidade de uma existência própria”. (HEIDEGGER, 1989 p. 345)



A hermenêutica filosófica⁹ segundo Grondin (1999, p.167), “[...] visa a uma auto interpretação da facticidade¹⁰, ou seja, a interpretação da interpretação, para que o ser-aí possa tornar-se transparente para si mesmo.”

O homem é essencialmente existência, presença no mundo; o lugar do tempo é a existência, ou melhor, o ser-no-mundo¹¹ é temporalidade. (HEIDEGGER, 1989).

O homem é um existente porque está essencialmente ligado ao tempo e se encontra sempre além de si mesmo, nas suas possibilidades futuras. Neste sentido, o homem é **futuro**, mas, para pôr em ato estas possibilidades, ele parte sempre de uma situação de fato, na qual se encontra e, neste sentido, ele é **passado**. Finalmente, enquanto faz uso das coisas que o cercam, ele é **presente**. “O passado possui aqui uma atuação constante sobre o presente, uma vez que determina o modo como o presente pode se constituir.” (CASSANOVA, 2009, p.81).

A temporalidade tem a função de unir a essência com a existência; “A essência do ser-aí reside em sua existência. Por isto as características que podem ser explicitadas junto a esse ente nunca são ‘propriedades’ presentes à vista que possui tal ‘aparência’, mas sempre modos de ser que lhe são possíveis [...]” (HEIDEGGER, 1989, p.56-57).

Ademais, segundo Heidegger (1989), a temporalidade torna possível a unidade de existência e, portanto, constitui originariamente a totalidade das estruturas do homem.

A capacidade que o homem tem de se transcender permite-lhe perguntar o porquê e como vive?

Por que vive o homem?
Quem o força a isso,
prisioneiro insonte?

Como vive o homem,
se é certo que vive?
Que oculta na frente?

⁹ “[...] trata-se de dons e talentos diferentes. Em primeiro lugar, eu não tenho naturalmente aquela potência mental prodigiosamente audaz com a qual Heidegger filosofava. Sempre disse que uma das diferenças fundamentais entre Heidegger e eu reside na escrupulosidade da interpretação”. (GADAMER 1998, p. 59)

“A filosofia hermenêutica é coisa de Gadamer”. (HEIDEGGER apud GRONDIN, 1999, p. 21)

¹⁰ Heidegger distinguiu a facticidade do “*factum brutum* de uma simples presença”; isto é, de uma coisa da efetividade da existência.

¹¹ ¹¹ A constituição fundamental do ser-aí é denominada por Heidegger ser-no-mundo. Ela diz respeito à unidade originária de pertença “ser-homem” e “homem-mundo”. Ele mesmo o diz nestes termos: “A expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição.” (HEIDEGGER, 1989, p. 98-99).



E por que não conta
seu todo segredo
mesmo em tom esconso? (ANDRADE, 1983, p. 335).

Nestes versos drummondianos, podemos perceber que a hermenêutica mostra a partir destes fragmentos, “a forma unitária de engajamento, da inserção, do acesso, do questionamento e da explicação da facticidade.” (HEIDEGGER, 1989, p. 206).

Por que vive o homem? Para responder a esta inquietação, deve ser deixado a cada ser-aí, abrir seu próprio caminho para auto transparência. (GRONDIN, 1999). E, neste sentido a “hermenêutica filosófica” lembra ao Dasein¹²o caminho para a interpretação da sua existência, e a tarefa da hermenêutica é “tornar acessível cada específico ser-aí [...] uma possibilidade de tornar-se um entendedor para si mesmo.” (HEIDEGGER, 1989, p.249).

E por que não conta
seu todo segredo
mesmo em tom esconso

Por que mente o homem?
Mentementemente
desesperadamente?

Por que não se cala
se a mentira fala
em tudo que sente? (ANDRADE, 1983, p. 335).

O não contar o seu segredo seria uma tentativa de que o outro não tivesse acesso às suas experiências? Permitir o acesso à experiência despertaria uma ação de interpretação específica para o Dasein e, ao fazer isto, o homem estaria diante de uma possível compreensão e a possível compreensibilidade das estruturas do ser-aí o desvelaria.

Ao buscar compreender e interpretar o que seja o “homem”, cada palavra dita e escutada revela o ser-aí;

[...] é um ente jogado em um mundo fático que constrói a sua dinâmica existencial a partir de uma familiaridade com esse mundo. Ele é um ser-no-mundo não porque se encontra dentro de um espaço específico chamado mundo e porque precisa necessariamente se adequar a esse espaço circundante. Ao contrário, ele é essencialmente um ser-no-mundo, porque encontra no mundo a sua própria morada. (CASANOVA, 2009, p.101).

Parafraseando Heidegger, no seu exemplo do pesado martelo, o lidar inicialmente com a ferramenta sem falar torna-se aos poucos incômodo para o artesão, podemos dizer que o

¹²Para identificar o modo de ser humano, Heidegger emprega o termo *Dasein*. Literalmente, Dasein significa ser-aí. Na versão brasileira de *Ser e Tempo*, Dasein é traduzido como “presença”; a tendência internacional é pela manutenção do termo original alemão.



martelo é o homem e o peso é a busca incessante para descobrir quem é e por que o mundo é a sua morada. Evidentemente, a existência é carregada da não realização dos projetos o que acarreta ao ser-aí uma angústia¹³, pois, “o mundo é sempre um sistema de significados, correlacionados com meus modos de fato e possíveis, de ser-homem enquanto ser-no-mundo”. (LUIJPEN, 1973, p.386).

Por que chora o homem?
Que choro compensa
o mal de ser homem?

Mas que dor é o homem?
Homem como pode
descobrir que dói?

Há alma no homem?
E quem pôs na alma
algo que a destrói?

Como sabe o homem
o que é a sua alma
e o que é a alma anônima ? (ANDRADE, 1983, p. 335).

A alma anônima não seria a fuga do homem diante das incertezas que cercam a sua existência? E este choro o que representa? E diante de tais incertezas o homem se percebe desterrado, não se sente em casa no mundo.

Para responder tais questionamentos e, por que não dizer um assunto linguístico, devemos sempre considerar o não dito e os versos de Drummond vão ao encontro do olhar hermenêutico que não se direciona contra a linguagem.

Dizer as dores do homem linguisticamente e até mesmo discursar sobre elas é fazer uma auto interpretação do ser-aí sem rodeios, mas evidenciando o cuidado com o ser-aí em um mundo cuja presença se deve ao fato de ter sido lançado e neste contexto, a grande inquietação drummondiana se faz presente e as *especulações em torno da palavra homem* ganham contornos e nuances diferenciadas.

E o que seria esse mundo em que o homem está?

O mundo fornece de início e na maioria das vezes mobilizadores estruturais que permitem ao ser-aí agir de uma maneira dotada de sentido em meio à miríade de significados presentes na sua facticidade. [...]. A significância do mundo envolve fundamentalmente dos entes intramundanos. Por meio de tais significações os entes intramundanos vêm ao nosso encontro de um tal modo que nos orientam na constituição de ações que são adequadas a eles. Saber como devemos nos comportar

¹³ “[...] a angústia traz consigo uma articulação entre o ser-aí e o seu caráter poder-ser. Ela rompe a tendência produzida pela decadência e impede o prosseguimento da simples fuga de si mesmo por parte do ser-aí imerso no mundo das ocupações cotidianas”. (CASSANOVA, 2009, p.125).



em relação aos utensílios e como podemos operar adequadamente os diversos elementos da linguagem cotidiana, porém é insuficiente para determinar aquilo em virtude de que temos de projetar compreensivamente o nosso campo existencial, o campo no interior do qual podemos desdobrar o poder-ser que somos. (CASANOVA, 2009, p.127).

A linguagem se faz valer como a morada do ser, como se tivesse assumido a precedente e insuperável revelação do ser (GRODIN, 1999). Neste sentido, a caminhada filosófica heideggeriana visa a superar os obstáculos que tornam facilmente insuficientes um dizer, um acontecimento e aqui se encaixa o “dizer homem” e para que serve.

Para que serve o homem?
Para criar Deus?
Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?
Como quer o homem
ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?
Que sonho, que sombra?
Mas existe o homem? (ANDRADE, 1983, p. 335).

Ao jogar com as palavras sobre a existência do homem, Drummond descreve o homem como um ser “lançado” que se descobre como alguém que experimenta a diferença entre o sagrado e o profano, entre o singular e o concreto; universal e abstrato, bem como adquire a possibilidade de dizê-lo de diferentes maneiras, uma vez que o homem é o único ente que pergunta quem é e se existe, interpretação que vai ao encontro do dizer heideggeriano (GRODIN, 1999) que, ao percorrer o caminho da linguagem, refaz a compreensão em torno da especulação da palavra “homem”.

O ser do homem, entretanto, é um ser-no-mundo, pois a cada maneira de existir corresponde uma significação possível do mundo. O projeto que vem a ser o homem é ao, mesmo tempo, o projeto de seu mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões elencadas em torno da existência do ser-aí, do cuidado e das especulações em torno da palavra “homem”, podemos auferir que o homem se faz em um mundo onde é presença, intencionalidade e cuidado; e o cuidado é, portanto, o primeiro gesto



da existência, o que torna significativas a vida e a existência do ser-no-mundo, ou seja, não se pode negar a propensão para viver e, muito menos, a tendência de se deixar viver.

Insta salientar que as reflexões de Drummond acerca da especulação sobre a palavra “homem” estão de acordo com as reflexões de Heidegger sobre a existência, haja vista que as inquietações elencadas no poema nos colocam em um “jogo” complexo que pode nos levar à reflexão filosófica com o objetivo de desvelar o sentido da existência de forma poética, uma vez que as especulações se fazem habitando palavras, transformando-as em questões.

Na esteira das reflexões de Heidegger, Drummond, nos trinta e seis versos, evidencia como poetizar é descrever as essências e habita na linguagem, nossa via para refletir e questionar, mesmo que seja para estarmos sempre tentando nos aproximar de uma resposta ao questionamento sobre o que é o homem, sem um único resultado, mas no permanente jogo entre o “desocultar” e o velar.

Drummond, em seus versos apresenta uma reflexão filosófica com um questionamento sobre o que é o homem, um questionar de rara sutileza e delicado trabalho de busca dos vestígios da existência do ser-aí, como diz Heidegger (2002), dos verdadeiros poetas, aqueles que fazem do seu poetizar um permanente questionamento.

No meio de todas as discussões que tocam sensivelmente a existência do homem, podemos concluir que este, enquanto ser-no-mundo, depara-se a todo instante com situações de cuidado. Por intermédio do estado de cuidado, o homem se encontra e se desvela. Estar no mundo é estar em sintonia com as situações de cuidado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou. 2 ed. 1982.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. Belo Horizonte: Ed. Pindorama, 1983.

CASSANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Tradução: Benno Dischinger. São Leopoldo: ED. UNISINOS, 1999.





HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos da Floresta**. Tradução: Irene Borges Duarte (coord.) et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós ninguém**. Tradução: Dulce Mara Critelli. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. **Introdução à fenomenologia existencial**. Tradução: Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EPU, 1973.

MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. **O fazer poético de Drummond em seu habitar na linguagem**. In **Drummond e a Filosofia** (organizadores Schafer, Sérgio; Silveira Ronie A.T. da). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação**. 2ed. São Paulo: Centauro, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Vol 3. São Paulo: Paulinas, 1990.

SOUZA, Carolina Martins de. **O FENÔMENO DO MUNDO NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER**. “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006.